O OLHAR DO TURISTA 3.0: pensando o turismo a partir de novas tecnologias, riscos e futuros possíveis

THE TOURIST'S GAZE 3.0: rethinking Tourism through New Technologies, Risks, and Possible Futures

Ana Luiza Sousa Romeiro (UFMA)*

O olhar do turista 3.0. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021. 2Mb; e-PUB. URRY, John; LARSEN, Jonas. Tradução Leonardo Abramowicz.

Palavras-chave: Turismo. Lazer. Viagens. Riscos. Futuros possíveis.

O olhar do turista 3.0, em coautoria com Jonas Larsen, é uma edição revista, ampliada e comentada do principal texto de referência da Sociologia do Turismo no Brasil – *O olhar do turista* (1996) de John Urry. A obra dedica atenção à "constituição histórica e social do turismo no Ocidente, a partir da emergência do balneário inglês no século XIX, que viria a galvanizar boa parte do ideário do turismo moderno" (2021, p. 13). Além de aportar contribuições à sociologia do lazer, o livro também contribui para o aprofundamento das discussões sobre patrimônio, paisagem, mobilidade, riscos, impacto das novas tecnologias sobre viagens e turistas, entre outras noções fundamentais relacionadas com os estudos sobre turismo.

O sociólogo britânico John Urry cursou graduação e mestrado em economia e doutorado em sociologia pela Universidade de Cambridge. Atuou como chefe de departamento e reitor fundador da Faculdade de Ciências Sociais na Universidade de Lancaster. Ao longo de sua carreira acadêmica, fez importantes contribuições ao estudo do turismo, consumo e globalização, com 40 livros e edições especiais publicados. Apesar de sua vasta produção, apenas *O Olhar do Turista* foi traduzido para o português. Urry também fundou o Institute for Social Future, onde trabalhou até a sua morte em 2016. Jonas Larsen, coautor de *O olhar do*

* Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, MA, Brasil. E-mail: analuiza134@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5914-1228

turista 3.0, é professor de geografia da Universidade de Roskilde, Dinamarca, e pesquisa turismo, mobilidade e mídia, com artigos traduzidos para vários idiomas, incluindo chinês, japonês e português.

A nova edição é estruturada em nove capítulos com subdivisões, incluindo prefácios às edições anteriores e dois textos complementares. O primeiro, "Uma mirada que atravessa o tempo", de Thiago Allins, discute a recepção das edições anteriores no Brasil. O segundo, "Às voltas com John Urry e suas quatro (ou cinco) viagens ao Brasil", de Bianca Freire-Medeiros, narra as quatro "viagens corporalizadas" de John Urry ao país e suas contribuições ao paradigma das mobilidades, sugerindo que a incorporação de seu acervo pessoal, em 2020, pela Universidade de São Paulo, após sua morte, pode significar uma quinta viagem ao Brasil.

No capítulo 1, "Teorias", os autores destacam o desenvolvimento e as transformações históricas do olhar do turista. As análises referem-se ao período em que o "turismo de massa se espalhou por grande parte da Europa, América do Norte e outras regiões do mundo e tornou-se um símbolo de *status* nas sociedades modernas" (2021, p. 36). Além disso, os autores destacam algumas variações históricas, geográficas e sociológicas do olhar do turista.

A partir do pensamento de Foucault (1976), os autores destacam que o olhar do turista é tão "socialmente organizado e sistematizado quanto o de um médico". Segundo argumentam, em ambos os casos, "muitos profissionais especializados" (2021, p. 29) estão envolvidos na construção e desenvolvimento desses olhares. Nesse sentido, o olhar do turista varia de acordo com a sociedade, o grupo social e o período histórico.

Apesar de destacarem variações "históricas, geográficas e sociológicas do olhar", os autores também apresentam algumas características comuns das "práticas sociais que são convencionalmente descritas como turismo" (2021, p. 33). Entre estas, os autores destacam o fato de o turismo ser uma prática social da modernidade e estar relacionado às transformações ocorridas no trabalho remunerado, de envolver algum movimento no espaço (as viagens) e a estadia de natureza temporária em regiões fora dos locais de residência e trabalho. Em relação a tais particularidades, os autores apresentam algumas contribuições teóricas importantes para a constituição do campo de estudos do turismo.

No capítulo 2, "Turismo de massa", os autores analisam as origens, no século XIX, dos balneários ingleses à beira-mar. Na perspectiva dos autores, tais espaços seriam símbolos do desenvolvimento do "olhar do turista em massa" e de uma espécie de "democratização da viagem" (2021, p. 75). De acordo com Urry e Larsen, inicialmente, os balneários britânicos – enquanto *spas* – tinham como propósito o uso medicinal associado à cura de uma variedade de doenças por meio do banho nessas águas. Entretanto, quando o banho de mar se tornou popular, ressaltam os autores, surgiram conflitos sobre a dupla função desses espaços que passaram a se constituir simultaneamente como *spas* e balneários costeiros.

Um conjunto de transformações econômicas (aumento na renda *per capita* da classe trabalhadora), demográficas e espaciais (rápida urbanização e consequente segregação residencial por classe) foram responsáveis por produzir "comunidades autorreguladas da classe trabalhadora", importantes não só no desenvolvimento de "formas de lazer", mas também nas

consequentes tentativas de "racionalização do lazer" (2021, p. 83). Como o trabalho passou por um processo de racionalização, sua jornada foi gradualmente diminuindo e "alguns empregadores começaram a ver as férias regulares como uma contribuição para eficiência" (2021, p. 85). Além disso, a melhoria no sistema de transportes, bem como o posterior crescimento de viagens de trem pela Europa, contribuiu de forma significativa para o incremento do "turismo de massa". Assim, as viagens deixaram de ser possíveis apenas para uma elite restrita. As "distinções de *status*" (2021, p. 75) que as viagens conferiam, passaram a ser estabelecidas mais entre diferentes "classes de viajantes" e menos sobre aqueles que podiam ou não viajar. Os autores finalizam esse capítulo destacando que o século XX trouxe consigo novas transformações para o olhar no campo do turismo, que se tornou mais nacionalizado e, posteriormente, internacionalizado (2021, p. 105).

No capítulo 3, "Economias", Urry e Larsen analisam "desdobramentos na dinâmica economia política e cultural do turismo" (2021, p. 108). Inicialmente, os autores destacam que ocorreu uma transição das ideias de "consumo de massa fordista" para o "consumo diferenciado pós-fordista". Como parte importante dessa transição, os autores sublinham o impacto da globalização na comparação instantânea de locais turísticos e objetos através da televisão e da internet (2021, p. 116). Nesse cenário globalizado, os diferentes países e lugares passaram a se especializar no fornecimento de tipos específicos de objetos para a contemplação do turista.

Os autores também investigam os impactos da internet na "política do turismo" (2021, p. 118) e observam: que os fornecedores de turismo, como hotéis e pousadas, passaram a depender menos de intermediários tradicionais, como agentes de viagens; que o marketing de destinos foi expandido com a criação de sites; e que os viajantes adquiriram mais autonomia para criar "padrões de viagens mais flexíveis e individualizados" (2021, p. 122). Além disso, a web 2.0 destacou o papel dos consumidores como parte do processo de produção.

Por fim, ao analisarem os aspectos das relações sociais complexas estabelecidas entre anfitriões (populações que moram nos lugares de interesse do turista) e convidados (visitantes), bem como os custos e efeitos do turismo para as comunidades receptoras, os autores destacam a necessidade de se questionar se vale à pena continuar a promover o turismo como uma estratégia para "países em desenvolvimento".

No capítulo 4, "Trabalhando sob o olhar do outro", os autores analisam a relação entre dois elementos envolvidos na prestação de serviços: "as práticas do turismo estruturadas por distinções de gosto" e os diferentes "serviços prestados e executados para esses turistas" (2021, p. 150).

Urry e Larsen argumentam que, na "indústria da hospitalidade", os serviços prestados aos turistas incluem não apenas elementos tangíveis, como refeições, viagens e bebidas, mas também aspectos intangíveis essenciais, como as "performances de hospitalidade" (p. 152). Esses aspectos intangíveis envolvem comportamentos como sorrisos, linguagem corporal positiva e expressividade. Embora tais comportamentos possam ser ensinados, aprendidos e regulamentados, não podem ser totalmente controlados ou uniformizados. Os autores destacam que, ao analisar os serviços no setor de alimentos e bebidas, emergem ambiguidades e anomalias na concepção do que significa ser "hospitaleiro" (2021, p. 130).

No capítulo 5, "Culturas turísticas em

mutação", os autores analisam "como as mudanças na natureza das sociedades, principalmente as ocidentais, ao longo das últimas décadas (1980-1990), estão minando uma noção tão precisa" (2021, p. 140), a saber, a de cultura. A partir da categoria analítica "distinção", de Bourdieu (1984), os autores argumentam que na contemporaneidade, em decorrência da passagem do moderno (envolvendo uma diferenciação cultural) para o pós-moderno (uma des-diferenciação em decorrência do papel da televisão e internet), os prestadores de serviços e outros trabalhadores de colarinho branco, cujo trabalho é predominantemente simbólico (na mídia, publicidade, novas mídias), foram fundamentais na mistura estilística do modernismo e pós-modernismo por suas práticas culturais se constituírem em um desafio à cultura estabelecida. Nesse sentido, os "gostos da classe de prestadores de serviços", ao priorizar a "cultura" em detrimento dos "desejos naturais" (2021, p. 201), acabaram por subverter a "ordem burguesa" através da constituição de símbolos e práticas culturais tais como: "cerveja de verdade, pão de verdade, vegetarianismo [...], ciência e medicina tradicional, não ocidental, parto natural" (2021, p. 203). Portanto, a preferência da classe média pelo que se entende como "real ou natural" (2021, p. 205) contribuiu para um fascínio pelo rural.

O turismo, de acordo com os autores, "consiste em encontrar determinados tipos de lugares agradáveis e interessantes para contemplar, esse olhar necessariamente se depara com design das edificações nesses locais" (2021, p. 223). Este aspecto é o que marca a abordagem dos autores no capítulo 6, "Lugares, edifícios e design".

Ao longo desse capítulo, Urry e Larsen deslocam seu foco de análise do turista para as redes e discursos que possibilitam ou constroem, na contemporaneidade, diferentes lugares como espaços temáticos (como a Disneylândia e Las Vegas) ou como patrimônios culturais (como as usinas restauradas em Lowell, Massachusetts). Estimulando principalmente o sentido da visão, os edifícios, tematizações e patrimônios são projetados para o olhar do turista. Assim, os turistas (especialmente mochileiros) podem compartilhar espaços com os habitantes locais ou permanecer em "bolhas turísticas" (2021, p. 132) ou "bolhas ambientais" (2021, p. 234) onde são protegidos de odores, gostos e locais tidos como desagradáveis.

Os três últimos capítulos são específicos desta nova edição e abordam temas como a fotografia na era digital, as performances corporais e os diversos riscos para o turismo, como o aquecimento global e o pico do petróleo.

No capítulo 7, "Visão e fotografia", os autores trazem para o centro de suas análises a fotografia, destacando seu papel fundamental no desenvolvimento do olhar do turista e do turismo em geral. Urry e Larsen argumentam que o olhar do turista é "previamente formado" (2021, p. 313) pela paisagem e pelas mídias existentes. Assim, durante as férias, os turistas se empenham em visitar lugares que já viram na televisão, em panfletos e na internet. Além disso, frequentemente veem a fotografia como uma forma essencial de incluir seus familiares na paisagem visitada, transformando os "lugares turísticos" em parte de suas memórias familiares. Com o advento da digitalização e da internet, as fotografias passaram a ser amplamente produzidas, compartilhadas e consumidas por meio de computadores e celulares. Agora, essas imagens podem ser quase instantaneamente publicadas em redes sociais, alcançando um público muito mais amplo.

No capítulo 8, "Performances", os autores consideram o olhar do turista como uma "performance" e analisam práticas contemporâneas do olhar. "Acreditamos que nossa noção vagamente inspirada em Foucault do olhar do turista pode ser reforçada, tornada mais corpórea e teatral, pela incorporação da abordagem de baixo para baixo (*bottom--down*) da interação de Goffman" (2021, p. 325). Nesse sentido, os autores discutem a natureza corporificada e multissensorial do olhar. A "virada performativa" (2021, p. 327) destaca que "são os corpos que posam, gesticulam, conversam, pedem desculpas, coram, evitam contato visual e assim por diante", ou seja, a virada performativa é *goffmaniana* porque retrata o corpo do turista como "psicobiológico, expressivo e socializado" (2021, p. 328). Assim, os turistas são compreendidos como coprodutores de locais turísticos. Desse modo, a contemplação de uma determinada paisagem ou objeto também depende do bem-estar corporal do turista.

Urry e Larsen também exploram as complexas relações sociais envolvidas no olhar turístico, incluindo as interações entre os que observam e aqueles que são observados. Eles analisam as formas de resistência e ironia pós-turística, como as atitudes de zombaria das práticas consumistas e as narrativas dos guias sobre os destaques das excursões. Além disso, investigam as diversas formas de performance turística na fotografia, que vão desde a "encenação do evento" e a adoção de poses até o desconforto experimentado pelo turista ao perceber que os observados, os anfitriões, também percebem e respondem ao seu olhar.

No capítulo 9, "Riscos e futuros", os autores analisam alguns desdobramentos contemporâneos e futuros do turismo. A partir do livro *A sociedade de Risco* de Urich Beck, e da teoria do risco, os autores analisam "se e de que maneira o turismo em si é autodestrutivo, se está exaurindo ou destruindo as próprias precondições de sua atividade ao gerar poderosos riscos ou males locais ou globais" (2021, p. 365). O primeiro conjunto de riscos analisados pelos autores dizem respeito às doenças, perigos e mortes que fazem parte do turismo. O segundo conjunto de riscos, diz respeito ao uso de uma grande quantidade de energia não renovável (petróleo) para "mover, construir, aquecer, refrescar e divertir" (2021, p. 382) o grande contingente de turistas que se desloca pelo mundo. Os autores também consideram as mudanças climáticas resultantes do modo de produção capitalista como um risco à continuidade do turismo.

Na perspectiva de configurações futuras, os autores analisam três possíveis cenários para o mundo e o turismo em 2050: o primeiro é um futuro de "hipermobilidade e hiperconsumo turístico" (2021, p. 390); o segundo cenário é uma "reconfiguração mundial da economia e da sociedade em torno da ideia de sustentabilidade local" (2021, p. 392); o terceiro cenário é caracterizado por guerras intermitentes ocasionadas por mudanças climáticas e escassez de petróleo e recursos naturais. Os autores concluem dizendo que nenhum desses cenários é desejável ou sem custos para o turismo e para a sociedade em geral. A partir de exemplos como Dubai e sua ambição de ser o paraíso número um dos consumidores de luxo, os autores apresentam o seguinte questionamento: "será que haverá ainda um 'olhar do turista' relativamente generalizado e comum em 2050?" (2021, p. 403).

Justamente por se tratar da terceira edição de uma obra que sobreviveu ao tempo como um texto de referência para os estudos sobre o turismo, lazer e viagens na

contemporaneidade, as reformulações e inserções realizadas na obra, como forma de dar conta do maior número possível de transformações no campo do turismo, contribuem para reafirmá-la como uma leitura de referência. As análises realizadas sobre as mudanças nos modos de fazer turismo em decorrência do surgimento de novas tecnologias, de novos riscos e de indícios de "futuros possíveis" para o campo, a partir da realidade britânica, mostram-se coerentes e contribuem para pensar o fenômeno do turismo em contextos distintos daqueles estudados pelos autores. Por essa razão, *O Olhar do turista 3.0* continua sendo uma leitura fundamental para estudantes, pesquisadores, docentes e profissionais que se dedicam à temática do turismo.

Recebido em: 01/09/2024
Aprovado em: 30/12/2024